

HERNÁNDEZ DÍAZ, José María y POZZER, Adecir (coords.) (2019) *II Coloquio internacional educación e interculturalidad. Interculturalidad e Inmigración: impactos y desafíos en la educación. Resúmenes*. Salamanca. Gráficas Lope. ISBN 978-84-946914-6-1

Durante a primeira semana de abril de 2019, foi realizado, na Faculdade de Educação da Universidade de Salamanca, o II Colóquio Internacional de Educação e Interculturalidade, coordenado pelos professores: José María Hernández Díaz e Adecir Pozzer. Este ano o tema que permeou as discussões contempla um dos problemas atuais e urgentes do mundo contemporâneo, os desafios e impactos ocasionados pelas migrações, que são motivadas, em sua maioria, por conflitos comerciais, religiosos, armados, exploração, fome e miséria. Populações se arriscam em busca de uma condição de vida melhor, em países próximos, fronteiriços, se distanciando de suas cidades, cultura e de sua gente. Em algumas vezes, põem em jogo suas vidas e de famílias na tentativa de chegar a um local mais segura que lhes oferecem oportunidade de viver dignamente.

Os participantes do colóquio discutiram, em mesas-redondas, conferencias, defesas de comunicações, visita ao centro integrado de formação profissional, ao centro de documentação da memória histórica da Espanha e biblioteca histórica de Salamanca, sobre os esforços desprendidos e a busca para implementar uma educação crítica e intercultural, no contexto africano, europeu e ibero-americano. Assim, estavam envolvidos pesquisadores de diversas universidades, desde o sul dos Estados Unidos, México, Haiti, Chile, Colômbia, Uruguai e Brasil. De países da Europa como, Alemanha, Portugal, Suíça, Espanha e Gabão na África, centraram suas análises aos diferentes aspectos da imigração.

O colóquio foi organizado em distintas sessões, com dez campos temáticos, sendo estes: Imigração, Interculturalidade e Educação; Migração, Direitos Humanos e Pluralismo Jurídico; Interculturalidade e Episte(m)etodologias decolonias; Migração, Gêneros e Desigualdade; Interculturalidade,

Migração e Diversidade Religiosa; Interculturalidade, Laicidade e Educação; Migração, Mudanças Climáticas e Interculturalidade; Currículos, Formação de Professores e Interculturalidade; Formação Humana e Interculturalidade e Desenvolvimentos, Territórios e Migração.

Os mais de cinquenta trabalhos apresentados, publicados em um caderno de resumo, em sua maioria, tratam de questões ligadas, de forma direta ou indireta, a decolonialidade do poder, decolonialidade do saber, e aos desafios de promover caminhos alternativos que nos ajude a pensar a interculturalidade entre os diferentes povos, as contribuições na valorização do outro, respeitando seu modo de ser e de pensar, promovendo assim, o reconhecimento da historicidade de suas culturas, na busca por corrigir as ausências históricas e epistêmicas.

Numa perspectiva mais voltada a aspectos educacionais, construir espaços que promovam o constante diálogo entre os conhecimentos, dos povos colonizados, dos imigrantes e os saberes ocidentais academicamente estabelecidos. Como nos explica o Professor da Universidade de Genebra na Suíça, José Marín – em sua fala na mesa-redonda que tratou da interculturalidade e migrações contemporâneas e os seus desafios a educação –, a pedagogia intercultural preconiza a ampliação das relações entre culturas, mobiliza a abertura ao diálogo, e a possibilidade de conviver com as diferenças. O que afeta de modo significativo os sistemas educacionais, as políticas afirmativas e contexto da sala de aula.

Uma das questões levantadas por Marín, e que também percebida no discurso de outros conferencistas, diz respeito aos questionamentos que tratam das possibilidades que a educação, desde uma perspectiva intercultural, pode assumir. As respostas a este e outros questionamentos vem sendo apresentadas nos resultados de pesquisas defendidas nas comunicações dos participantes. Como por exemplo, o estudo desenvolvido pelas professoras uruguaias, Andrea Genis e Gabriela Ferreira que tratam da laicidade como oportunidade intercultural. As referidas professoras defendem o combate a

uma ideia de laicidade neutra, sem um posicionamento ideológico, ligada a uma razão universal, eurocêntrica. Desse modo, partem do princípio de um diálogo intercultural que pode existir no interior dos povos ibero-americanos, como parte do reconhecimento das culturas que foram negadas ao longo da história. Não se refere apenas a dialogar com o outro, mas a dialogar com o outro dentro de nós mesmos, algo que foi negado e, por vezes, não reconhecido. Permitir, por meio de um discurso ideológico, uma abertura a diversos mundos, possíveis no contexto de uma educação que defenda a autonomia dos sujeitos frente a qualquer parcialidade arbitrária.



Nessa mesma direção, tivemos alguns trabalhos que ressaltam ações desenvolvidas por escolas e universidades fronteiriças, que percebem a fronteira como espaço de conhecimento, de escuta e valorização do saber do outro. A exemplo, as atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pela Universidade Federal de Roraima – norte do Brasil, estado vizinho a Venezuela – hoje, um país em crise humanitária. O fluxo

migratório de venezuelanos aos países das cercanias tem aumentado consideravelmente a cada conflito entre as forças do governo deste país e seus opositores. Crianças, jovens, adultos e idosos, buscam ingressar nas cidades fronteiriças do Brasil e Colômbia, rompendo as barreiras do medo e das incertezas. Assim, a Universidade de Roraima tem criado espaços de diálogos interculturais entre a comunidade local, imigrantes oriundos do país vizinho, indígenas de diferentes comunidades em Roraima e indígenas que migram da Venezuela.

Entre diversos movimentos dentro da comunidade universitária, da referida instituição de ensino, tem sido oferecido cursos de Licenciatura Intercultural, cursos de extensão voltado as comunidades indígenas e as comunidades camponesas. Nesse sentido, percebe-se que países como Brasil, em especial na última década, tem direcionado seu olhar as reivindicações e lutas dos movimentos sociais negros, indígenas e camponeses na busca por políticas públicas que busquem romper com as monoculturas modernas, no âmbito educacional, mediante atitudes decolônias.

Outras propostas de discussão da decolonialidade tratam de discutir o formato das instituições de ensino e da ciência. Como por exemplo, os conhecimentos matemáticos que são apresentados aos estudantes ressaltam a produção europeia como verdade absoluta, que não dialoga com outros modos de pensar distintos do seus, desconsiderando as descobertas e estudos de outros povos não europeus. Assim, influências africanas e asiáticas foram sendo negligenciadas descartadas e até negadas. A escola oficial encarregou-se de transmitir a visão de mundo, a língua e a cultura dominante, sendo uma instituição eficaz no seu objetivo de reduzir, denegrir e marginalizar as línguas, as visões de mundo e os conhecimentos ou saberes locais (MARIN, 2010; 128).

O II Colóquio foi um momento impar de discussão a respeito da (de) colonialidade do saber e o processo migratório, suas tensões e possibilidades de uma formação intercultural. O professor Dr. José María Hernández Díaz – Universidade de Salamanca/

Espanha – nos brindou com sua fala, destacando as pautas de atuação dos modelos clássicos e mais recentes, como os disseminados durante o século xx, de colonização, entre estas estão os sistemas educacionais voltado às elites, reforçando a hegemonia do conhecimento, por meio da língua, das concepções religiosas e de expressões artísticas e culturais. Hoje, com o advento da internet e a expansão das redes sociais, como: twitter, facebook, Instagram, WhatsApp, entre outras. «Los poderes fácticos del neocapitalismo están colonizando prácticas sociales, consciencias, saberes, disciplinas académicas, espacios de sociabilidad educativa y académica» (Hernández Díaz, 2019: 61). Desse modo, estamos sendo colonizados, por redes que nos conectam em um mundo global e nos impõe o individualismo, a competição a exposição e a ideia de exclusão do outro, algumas vezes mantendo-o moralmente e eticamente inferiorizada.

Os três dias de Colóquio nos pôs em contato com pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, de diferentes

países, mas com um objetivo em comum: pensar a decolonização do saber, do poder, a interculturalidade e um melhor modo de conviver e viver, desse modo, permitir a construção de estruturas que priorizem uma cultura de paz.

Referências

- HERNÁNDEZ DÍAZ, J. M. (2019) Decolonización, Educación y Emigrantes em Contextos Neocoloniales ¿Qué hacer? In: *II Coloquio Internacional Educación e Interculturalidad. Interculturalidad e Inmigración: impactos y desafíos em la educación*, pp. 61-62. Salamanca. Espanha, abril.
- MARIN, J. (2010) Interculturalidade e descolonização do saber: relações entre saber local e saber universal, no contexto da globalização. In: *Visão Global*, Joaçaba, v. 12, n 2, p. 127-155, jul/dez.

MARIA MARONI LOPES